

## *Ato analítico e mal-estar na contemporaneidade<sup>1</sup>*

*Isabel Martins Considera*

Lacan aponta que são muito poucos os que têm a dimensão da subversão que Freud faz com a descoberta do inconsciente, enquanto passa pela constatação de uma falha em relação ao suposto saber. Trata-se de uma falha que deve ser registrada, para que, então, se possa, só depois, “colher nessa falha a articulação que falta”.

O frescor da descoberta freudiana frente ao saber, em sua relação com a dimensão da verdade, produz contra ela muitas imunizações. Contra a transmissão da novidade freudiana sabemos (sabemos?) que a resistência é tanta que a própria psicanálise resiste à psicanálise? Sabemos que, a partir da descoberta freudiana, o que se produziu de bastardia em relação ao inconsciente é uma enormidade? Sabemos o quanto os introdutores da obra de Freud imunizam os jovens contra o frescor de sua descoberta? Sabemos que o difícil mesmo é a emergência de um desejo no mesmo nível do de Freud, enquanto relacionado ao inconsciente?

Em “A Terceira”, Lacan situa o fato de que o porvir da psicanálise depende também do que ocorra em relação à ciência, mais especificamente com os objetos que ela produz, seus restos, os gadgets; a questão é que, se os gadgets funcionarem como substitutos do objeto *a*, não haverá sintoma analítico, não haverá analista para fazer parte do sintoma e, assim, não haverá porvir para a psicanálise.

O objeto *a* é também um resto a ser produzido, mas se trata de outro tipo de resto que os gadgets, por estar em relação à produção que é própria dos seres falantes, quando em análise a verdade se diz a meias. Seres falantes são aqueles que passaram pela experiência da divisão do sujeito e, portanto, têm o significante como signo da experiência dessa divisão, quer dizer, sofreram o ato analítico.

Pode ser, então, que a ciência não deixe futuro para a psicanálise, tamponando de vez a divisão do sujeito, que ela própria abriu, com os próprios restos que fabrica. A respeito da religião, Lacan não nos deixa de dizer que pode ser que esta triunfe em relação à psicanálise, justo pela satisfação que se pode obter com o fato de a religião pôr o assento do saber em Deus. E, ainda, em relação à filosofia, diz que pode ser que não

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Plenária do V Congresso de Convergência, 2012, Porto Alegre.

se consiga sair da ilusão filosófica, que diz respeito a tomar o universo como um ideal de coerência, para o qual os psicanalistas têm resvalado bem mais do que gostariam.

É certo que o mal-estar não é exclusivo da psicanálise, também a ciência, a religião e a filosofia são posições sintomáticas frente ao mal-estar, posições que, apesar de não deixarem de ter coincidências entre si, são entretanto não coincidentes em pontos de impasse que exigem passe. No caso da psicanálise, ela depende de que, em relação a esse lugar de impasses, embrulhos e pacotes, em que se fazem confusões em lugares não coincidentes, haja ato analítico, que está em relação ao que chamamos estrutura, sendo que o que resiste ao ato é a estrutura mesmo, o discurso. A resistência se liga ao fato de que a estrutura se conquista, por colocar um início que não está dado de início, quer dizer: trata-se de um início a ser conquistado na própria análise a partir da produção de *a*, como resto – quando as questões são de estrutura é o objeto *a* o que está no início.

Freud, nos capítulos 8, 9 e 10 de “A psicopatologia da vida cotidiana”, após ter trabalhado vários casos de esquecimentos e lapsos, passa a tratar do que chama de ato ou ação acidentada, sintomática e equivocada. Há uma ambigüidade que está na base conceitual do ato analítico e que Freud deixa ali. Essa ambigüidade entre motricidade e ato, favorecida pelo próprio Freud, não é certamente a questão principal, mas vale perguntar qual a sua importância? A importância é porque não há como saltá-la, há que se passar pela ambigüidade, atravessá-la, para se chegar a dimensionar o ato analítico. Freud também deixa ali, para ser lida, a questão que realmente importa, que é: seja nos lapsos ou nos atos equivocados, o que importa a respeito da dimensão do que é constitutivo do ato, enquanto analítico, é a do significante.

Isto pode parecer simples, mas não o é, porque o ato toma seu valor de ato analítico por sua articulação significante, enquanto introduz a relação com o inconsciente, e, só então, anota-se que o ato nada tem a ver com a ação como atividade, porque, quando o inconsciente se introduz paradoxalmente no que diz respeito à atividade, o ato está inteiramente apagado – já que ali onde o sujeito está representado por um significante para outro significante, está ausente e dividido.

Portanto, o ato está na maneira freudiana de manejar as ferramentas: como nos lembra Lacan, trata-se da chave ou do martelo na mão de Freud, da maneira como Freud faz, do fazer freudiano, enquanto o leva a descoberta do inconsciente. O que Freud nos deixa como legado é que, no ato analítico, trata-se de uma leitura superposta ao próprio ato e que este se apaga no que diz respeito à motricidade – ele que está no início de uma análise, só toma valor ao fim, *a posteriori*.

A dimensão significativa do ato abre para o inconsciente e situa o sujeito como efeito de leitura - uma subversão em relação ao saber. Trata-se de um sujeito que, ao se constituir, é ultrapassado pelo próprio ato, uma vez que é sem o saber. O ato analítico é algo da ordem do inesperado por surgir como não saber, trata-se do saber inconsciente, e é por isso que o sujeito sucede o ato e não o comanda.

O ato analítico é um acontecimento próprio de uma análise, escapa a qualquer autoridade que possa legitimá-lo e, se o analista se autoriza para tal ato, é devido à sua relação com o inconsciente. O analista é feito para dar suporte e autorização a esse ato, que transmite um desejo inédito, como o de Freud, o desejo de analista, que é uma função.

A psicanálise precisa de um desejo nesse nível para existir, um desejo que não elimina as outras maneiras de existir, mas faz existir um valor de diferença em relação ao gozo que, por falar, o ser falante produz, o objeto *a* - um resto no lugar da falta que causa o desejo e que só é produzido pelo ser falante. Isto é diferente dos gadgets produzidos pela ciência, que também são restos, mas fabricados pelos experimentos, e não pela experiência da divisão do sujeito em análise.

Atualmente, vemos a ciência médica classificar e nomear cada vez mais doenças para diagnosticar e fornecer cada vez mais produtos para tapar a boca do ser falante. Contudo, é porque o sujeito excluído da ciência surgiu que há necessidade lógica do inconsciente, o sujeito de nossa época precisa da lógica do discurso do analista: é ar fresco para não se ficar reduzido ao corpo próprio da experimentação.

Freud diz que frente ao mal-estar o melhor a fazer seria abrir mão da hipocrisia e se posicionar frente a esse real de discórdia que nossos desejos constituem. Mas, por enquanto, frente ao mal-estar, não se tem feito mais que colocar dificuldades para velar e ocultar os obstáculos que realmente importam para os seres que, por falar, estão afetados pelo significativo.

Até porque seja lá o que for que esteja como sintomático em qualquer época, desde que Freud, em relação à entrada da ciência moderna descobriu o inconsciente e seu estatuto lógico, é certo que descobriu também que o homem, em relação ao seu fazer, precisa lavar o significativo, se quiser que seu fazer chegue a ganhar valor de diferença em relação ao inconsciente, já que esta é a única possibilidade de dar lugar a emergência do sujeito como um campo concernente a uma ética, que possibilita a respeito da produção de uma práxis perguntar qual é a relação que se tem com os objetos que tal práxis, em seu fazer, produz.